

PROMOVENDO A FORMAÇÃO AGROFLORESTAL NA REGIÃO PAN-AMAZÔNICA CURSO INTERNACIONAL DE CAPACITAÇÃO EM TECNOLOGIAS AGROFLORESTAIS

Delman de Almeida Gonçalves ^{*1}, Marcos Rugnitz Tito ^{*2}, Patrícia de Paula Ledoux ^{*3}

¹Coordenador do curso, pesquisador Embrapa Amazônia Oriental - delman@cpatu.embrapa.br,

²Coordenador do curso, pesquisador Centro Mundial Agroflorestal (ICRAF/IA) - m.tito@cgiar.org,

³Assistente do curso, Analista Embrapa Amazônia Oriental - pledoux@cpatu.embrapa.br

RESUMO

O Curso Internacional de Capacitação em Tecnologias Agroflorestais (<http://tctp.cpatu.embrapa.br/>), que este ano está em sua quarta edição, de cinco edições inicialmente previstas até o ano 2010, faz parte do Programa de Treinamento para Terceiros Países (TCTP), estabelecido entre os governos do Brasil e do Japão. Este curso é promovido pela Embrapa Amazônia Oriental, Agência de Cooperação Internacional do Japão (JICA) e Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE). Realizado na cidade de Belém, Estado do Pará, no âmbito do Consórcio Iniciativa Amazônica (IA), o Curso conta com o apoio técnico e institucional do Centro Mundial Agroflorestal (ICRAF). A carga horária total é de 144 horas de atividades técnicas, distribuídas durante 19 dias, com visitas a estabelecimentos rurais com experiências agroflorestais em andamento, localizados em municípios paraenses. Durante as três primeiras edições foram capacitados mais de 80 técnicos de seis países amazônicos (Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Venezuela e Colômbia). O público alvo são técnicos extensionistas rurais atuantes nestes países amazônicos. O curso visa promover a transferência e adoção de tecnologias agroflorestais que gerem impactos na redução, mitigação e reversão da degradação dos recursos naturais (biodiversidade, solo, água), bem como, para a melhoria da qualidade de vida dos agricultores familiares.

Palavras-chave: curso, treinamento, tecnologias agroflorestais.

1. INTRODUÇÃO

Durante o processo de ocupação da região Pan-amazônica, diversos sistemas de uso da terra foram empregados promovendo a inadequada utilização dos recursos naturais para produção de alimentos, pecuária e exploração madeireira, resultando em sérios problemas ambientais. Os sistemas agroflorestais (SAFs) são apontados como uma alternativa mais apropriada para uso das terras amazônicas, por reunir princípios ecológicos que aumentam a fertilidade do solo e recuperam os serviços ambientais indisponíveis em terras agrícolas degradadas. No entanto, os avanços das pesquisas agroflorestais são ainda pontuais e dispersos, reduzindo as possibilidades de difusão entre pesquisadores, técnicos, educadores e produtores familiares.

Com base neste contexto, criou-se o Curso Internacional de Capacitação em Tecnologias Agroflorestais, uma capacitação específica, com o objetivo de contribuir para o uso sustentável dos recursos naturais na Amazônia. O Curso está sendo realizado por meio do Programa de Treinamento para Terceiros Países(TCTP). Por intermédio da cooperação técnica, parceiros de cunho nacional e internacional transferem conhecimentos em tecnologias agroflorestais, por um período que se estenderá, inicialmente, de 2006 a 2010.

Realizado no âmbito do Consórcio Iniciativa Amazônica (IA), o Curso conta também com o apoio técnico e institucional do Centro Mundial Agroflorestal (ICRAF). O Curso visa intensificar o intercâmbio de informações relacionadas à adoção e ao uso de tecnologias agroflorestais por produtores rurais, entre entidades de países amazônicos, agências de cooperação e instituições regionais de pesquisa, desenvolvimento e extensão rural.

A estrutura do Curso vem sendo construída para que possa ser facilmente adaptado e replicado para o atendimento de novas demandas (treinamento, intercâmbio) identificadas nos países amazônicos beneficiados. Desta forma, os profissionais treinados no Curso são orientados a repassar os conhecimentos adquiridos para produtores e outros grupos de técnicos, possibilitando assim, o aumento do índice de adoção de tecnologias agroflorestais na região amazônica, como alternativa de recuperação de áreas alteradas, combate à pobreza e perda da biodiversidade. A expectativa é que a transferência e intercâmbio de tecnologias e experiências em sistemas agroflorestais gerada durante curso leve à incorporação de conhecimentos sobre sistemas de usos da terra, que minimizem as alterações biofísicas decorrentes da exploração agrícola convencional. Isto vem possibilitar que os técnicos que atuam no setor produtivo, ampliem sua capacidade para elaboração e adoção de propostas de projetos, com a visão inovadora de inserção da produção agroflorestal no contexto do agronegócio dos produtos agrícolas, com valor agregado de serviços ambientais de interesse global.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O Curso tem duração de 19 dias e carga horária de 144 horas, onde são realizadas sessões teóricas e atividades técnicas através de visitas a campo. As sessões teóricas são promovidas através de mesas redondas e palestras técnicas realizadas na cidade de Belém. Os instrutores convidados a participar desta etapa são profissionais nacionais e estrangeiros reconhecidos como expoentes em seus ramos de atuação. Estes profissionais são orientados a apresentar suas aulas através de uma linguagem simples, adaptada e acessível aos participantes do curso. Por sua vez, os participantes, realizam apresentações sobre a realidade produtiva e nível de adoção de tecnologias agroflorestais nas regiões onde atuam. Durante a etapa teórica em Belém também é realizada um mini-curso de treinamento no uso do programa computacional Silvia – Sistema de Manejo Florestal (<http://www.silviaforestal.com.>), com 17 horas de carga horária.

As sessões teóricas do Curso são sub-divididas da seguinte forma: sessão introdutória abrangendo conceitos e fundamentos dos sistemas agroflorestais e da modalidade praticada no Brasil, denominada agrofloresta sucessional; sessão biofísico-ambiental onde são tratados temas da sustentabilidade biofísica e biogeoquímica dos sistemas agroflorestais, e uma introdução a serviços ambientais em sistemas agroflorestais; sessão metodológica onde são abordados temas como tecnologias agroflorestais para recuperação de áreas degradadas, utilização de espécies frutíferas em sistemas agroflorestais e investigação participativa; sessão sócio-econômica abordando temas como compensação por serviços ambientais, análise econômica de sistemas agroflorestais, diferenciação social da agricultura familiar e educação agroflorestal; e sessão de planejamento agroflorestal, onde são apresentadas metodologias para o diagnóstico biofísico, sócio-econômico, agroflorestal, e para o planejamento agroflorestal. Esta informação é utilizada no exercício de grupo realizado no final do curso.

As visitas a campo são realizadas a estabelecimentos rurais localizados nos municípios paraenses de Santa Bárbara, Igarapé Açu, São Domingos do Capim, Tomé Açu e Abaetetuba. Nestas visitas os participantes têm a oportunidade de interagir com distintos técnicos e produtores, e visitar distintos sistemas agroflorestais (multiestrato, silvipastoril, pomar caseiro, etc.). Entre estas visitas também estão incluídas as áreas de trabalho do Projeto Tipitamba, baseado na adoção de técnicas de agricultura sem queima.

No total, a cada ano são oferecidas 30 vagas, sendo 15 vagas destinadas aos técnicos extensionistas estrangeiros, provenientes de países amazônicos, tais como, Bolívia, Peru, Equador, Venezuela e Colômbia (três vagas por país); e 15 vagas para técnicos extensionistas brasileiros provenientes de estados amazônicos. Das 15 vagas destinadas aos técnicos extensionistas brasileiros, são destinadas duas vagas por estado amazônico (Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia e Amapá), e cinco vagas estão reservadas para técnicos extensionistas que atuam no Estado do Pará. Incentiva-se a participação de, pelo menos, uma candidata por estado ou país.

Visando a melhoria progressiva do Curso, em seus diversos aspectos, são realizadas avaliações em diversos níveis. O primeiro nível é o de verificação de aprendizado dos participantes. Para tanto, os participantes são submetidos a uma avaliação contínua, através de tarefas práticas e teóricas, para checagem do nível de assimilação do conteúdo programático do Curso. O segundo nível é uma avaliação feita pelos participantes em relação a aspectos logísticos e técnicos do Curso. Esta avaliação é realizada de forma objetiva, onde os participantes atribuem notas de 1 a 5 para cada aspecto avaliado do Curso, considerando os seguintes conceitos: (5) Excelente; (4) Bom; (3) Satisfatório; (2) Insuficiente; (1) Ruim. Através desta avaliação objetiva é possível quantificar o nível de satisfação dos participantes com cada aspecto. O terceiro nível é uma avaliação da Equipe de Coordenação que transpassa os níveis anteriores citados, e transcende os mesmos em uma visão de processo mais ampla, visando ajustes e correções mais profundas na condução do Curso em suas próximas edições, em relação aos objetivos a que se propõe.

Ao final de cada curso, os participantes elaboram um relatório final de participação no curso contendo proposta de ação extensionista utilizando tecnologias agroflorestais. Ao final de cada curso, os participantes também recebem, na forma impressa e em meio digital (DVD), todo o material didático utilizado e reunido para o curso pela coordenação técnica.

3. RESULTADOS E REFLEXÃO

A carga horária das sessões teóricas, sessões práticas e atividades extras realizadas no Curso, e respectivas proporções, estão descritas na Tabela 1.

Tabela1 – Carga horária das sessões teóricas e práticas, e atividades extras realizadas no Curso

Atividade	Carga Horária (horas)	Proporção (%)
Apresentações regionais dos participantes	10	7
Palestras e mesas redondas	36	25
Visitas Técnicas	42	29
Aulas Práticas	4	3
Treinamento e exercícios de grupo	14	10
Desenvolvimento de relatórios e apresentações	12	8
Viagens e lazer	26	18
Total	144	100

Observando a Tabela 1, é possível constatar o caráter eminentemente prático do Curso, considerando que 42% da carga horária são destinados a atividades de natureza prática. Isto se justifica por este Curso ser destinado prioritariamente a técnicos extensionistas em franca atividade profissional, e que demandam respostas e soluções técnicas para serem levadas aos agricultores com que trabalham.

Os resultados da avaliação realizada pelos participantes em relação aos aspectos carga horária e conteúdo programático, considerando as três edições realizadas do Curso até o momento, são apresentados nas Figuras 1 e 2, a seguir.

A crítica dos participantes em relação a carga horária do Curso foram focadas, principalmente, em dois pontos: a sobrecarga de trabalho e o reduzido período destinado ao lazer. A partir de ajustes que foram feitos a partir da primeira edição, aconteceu um aumento gradativo na nota de avaliação deste quesito pelos participantes, nas edições seguintes (Figura 1).

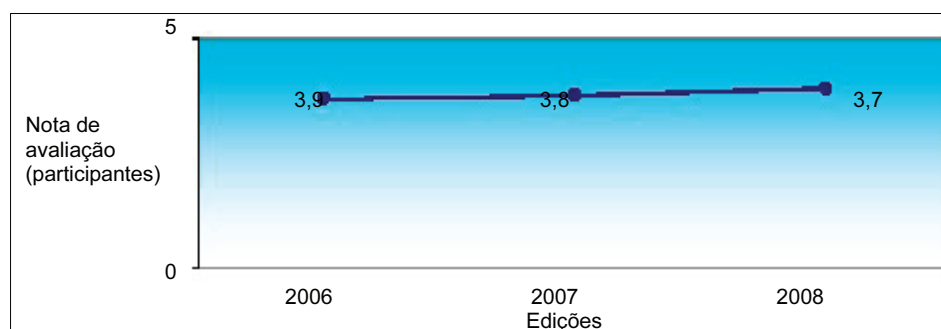


Figura 1 – Avaliação da Carga Horária das três edições do Curso, pelos participantes

As críticas dos participantes em relação ao conteúdo programático foram direcionadas, principalmente, à necessidade de imprimir um caráter ainda mais prático ao Curso, assim como, que os temas focados sejam em menor número e com abordagem mais aprofundada, prática.

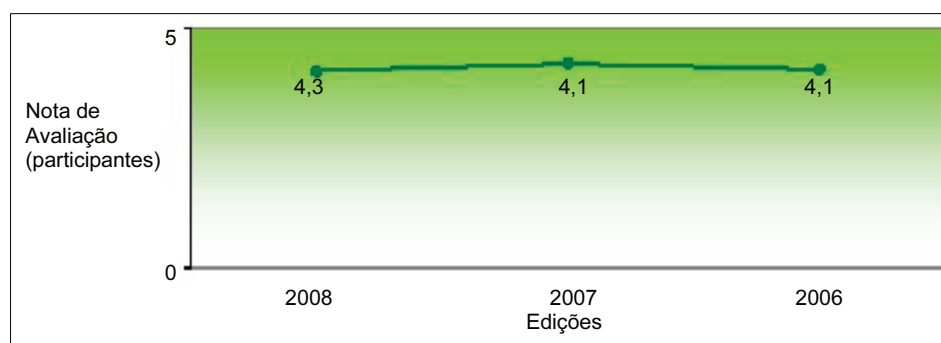


Figura 2 – Avaliação do conteúdo programático das três edições do Curso, pelos participantes

Estes pontos levantados pelos participantes suscitaram a discussão entre a equipe de coordenação sobre a necessidade de uma ampla reformulação do conteúdo programático visando atender tais demandas, o que deverá se refletir na próxima edição do Curso a ser realizada no ano de 2009.

4. CONCLUSÕES E LIÇÕES APRENDIDAS

O êxito do Curso, em relação aos objetivos para que foi proposto, vem sendo concretizado pelo esforço efetivo de todos os colaboradores, instituições parceiras, e os próprios participantes, que possibilitam a realização de aulas teóricas e práticas, propiciando um ambiente dinâmico e adequado

para que a capacitação aconteça. Busca-se promover, ao máximo, a participação no Curso de instrutores locais, assim como, a participação do gênero feminino e de representantes (lideranças) de populações tradicionais.

Entre os pontos positivos destacam-se: (1) processo de seleção de participantes participativa e transparente; (2) Apoio dos membros do Comitê Técnico do Consórcio Iniciativa Amazônica no processo de divulgação internacional; (3) página Web do Curso em funcionamento (com seções em espanhol).

Entre os gargalos identificados para uma melhor realização do Curso estão: (1) melhorar o processo de divulgação nacional e internacional; (2) garantir com maior antecedência recursos necessários para o desenvolvimento do Curso.